



Universidades Lusíada

Fonseca, Tília Rodrigues

Testemunhos : Maria de Lourdes Pintasilgo

<http://hdl.handle.net/11067/4215>

<https://doi.org/10.34628/463k-q807>

Metadados

Data de Publicação	2004
Palavras Chave	Pintasilgo, Maria de Lourdes, 1930-2004 - Crítica e interpretação, Primeiras-Ministras - Portugal
Tipo	article
Revisão de Pares	no
Coleções	[ULL-ISSSL] IS, n. 29 (2004)

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-09-21T10:22:04Z com informação proveniente do Repositório

TESTEMUNHOS

MARIA DE LOURDES PINTASILGO

Tília FONSECA *

Uma personalidade ímpar

Se no decurso da história há pessoas que com a sua presença, a sua palavra, a sua acção, projectam uma nova luz sobre a realidade, testemunham que outros caminhos são possíveis, antecipam novas configurações para o nosso viver pessoal e colectivo, a Eng. Maria de Lourdes Pintasilgo incarnou, ao longo da sua vida, essa singularidade.

Assumindo o seu empenhamento como missão, rasgou tais sulcos de mudança que fizeram dela uma mulher tão presente e tão inteira no grupo informal quanto nos cargos que desempenhou, designadamente em múltiplas instâncias internacionais.

O que é fascinante no seu pensamento é a capacidade de criar e aplicar o seu saber, desenvolvendo diferentes ângulos de visão, aceitando e integrando as ideias que vão surgindo pela voz dos outros, atenta à escuta das suas experiências de vida, das suas esperanças e desesperanças. Era como se tomasse o sentir e as dores dos outros como bússola de novos trilhos, de soluções inovadoras e urgentes qual provedora das angústias do mundo.

O legado em que essa escuta se tornou mais visível à escala planetária é na forma como presidiu aos trabalhos da Comissão Independente para a População e Qualidade de Vida e organizou as sessões de trabalho e as Audições Públicas que deram origem ao livro *Cuidar o futuro –um programa radical para viver melhor*.

Na entrevista conduzida por Maria João Seixas¹, diz-se “uma pessoa fascinada pelo saber e por passear entre os saberes, (...) movida pelo dever,

* Assistente Social/Socióloga. Aposentada do Instituto de Reinserção Social. ex-Docente do ISSSL

¹ Pública, 4 de Novembro de 2001

um dever que é como uma chamada do futuro para agora. É um dever que diz que é preciso fazer isto que ainda não foi feito. (...)o terceiro traço é uma sensação de pertença sem limites ao mundo”.

O compromisso e a radicalidade que tais traços transportam estão igualmente presentes em dois momentos bem conhecidos da sua vida pública: a nomeação e o desempenho do cargo de Primeira Ministra e a candidatura à Presidência da República.

No designado *Governo dos cem dias* aquando da apresentação do programa do governo na Assembleia da República, a sua afirmação de prioridade aos mais desfavorecidos e as medidas que preconizou suscitaram na classe política mais conservadora um clamor hostil.

No que respeita à candidatura à Presidência da República justifica assim a sua decisão:

Candidato-me porque, com a eleição presidencial, podemos encetar um ciclo revitalizador da vida nacional. Candidato-me porque às formas diversas do conformismo, do fatalismo que geram soluções repetitivas, é urgente contrapor o realismo da inovação e das respostas criadoras. Candidato-me porque a ética obriga a buscar caminhos para que aquilo que é tido como sendo o possível, se aproxime cada vez mais daquilo que é não só desejável mas imperiosamente necessário.

Por isso, a minha candidatura à Chefia do Estado inclui uma proposta e um apelo. Uma proposta: aceitarmos as novas exigências que se põem a todos nós e mobilizarmos os recursos que em nós estão latentes. Um apelo: formarmos em conjunto uma República de cidadãos que seja também a «terra de fraternidade» com que sonhámos um dia.

A hostilidade prevalece pelos tempos fora, a ponto de constituir um lastro de opacidade deliberada, silenciando o seu relevante papel em instâncias internacionais.

Lembram-se alguns: Embaixadora de Portugal e Membro do Conselho Executivo na UNESCO; Membro do Conselho da Universidade das Nações Unidas; Deputada ao Parlamento Europeu; Membro do Conselho da Ciência e da Tecnologia ao Serviço do Desenvolvimento – Nações Unidas; Membro do Grupo de Trabalho da OCDE sobre “A Mudança Estrutural e o Emprego das Mulheres”; Presidente do Grupo de

Trabalho sobre "Igualdade e Democracia" do Conselho da Europa; Presidente do Conselho Directivo do Instituto Mundial de Investigação sobre o Desenvolvimento Económico, da Universidade das Nações Unidas; Presidente do «Comité des Sages» "Para uma Europa dos Direitos Cívicos e Sociais" da Comissão da União Europeia; Membro do Conselho de InterAcção de Ex-Chefes de Estado e de Governo; Co-Presidente da Comissão Mundial de Globalização.

A nível nacional era Membro do Conselho Nacional de Ética para as Ciências da Vida desde 1991.

Perante esta disparidade, muito do seu pensamento sobre tão diversos campos está alheio aos portugueses. Como iremos fazer para mobilizar todo esse património que nos legou? Provavelmente quando houver suficiente abertura na sociedade portuguesa várias iniciativas de homenagem se tornarão possíveis (nome de praça ou rua, repouso no Panteão Nacional...), mas do seu pensamento que faremos nós?